

EDS.  
ANTÓNIO MANUEL FERREIRA · CARLOS MORAIS  
MARIA FERNANDA BRASETE · ROSA LÍDIA COIMBRA



pelos mares da  
**língua**  
**portuguesa 5**

VOL. 2 LÍNGUA E ENSINO







pelos mares da  
**língua**  
**portuguesa 5**

**Língua e ensino**

EDS.  
ANTÓNIO MANUEL FERREIRA  
CARLOS MORAIS  
MARIA FERNANDA BRASETE  
ROSA LÍDIA COIMBRA



FICHA TÉCNICA

TÍTULO

**Pelos Mares da Língua Portuguesa 5**  
**Volume 2: Língua e ensino**

EDITORES

**António Manuel Ferreira**  
**Carlos Morais**  
**Maria Fernanda Brasete**  
**Rosa Lídia Coimbra**

EDITORA

**UA Editora**  
**Universidade de Aveiro**  
**Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia**

CAPA

**Grafismo sobre uma imagem criada por Álvaro de Sousa**

EDIÇÃO

**1ª edição – dezembro de 2023**

DEPÓSITO LEGAL

**526378/24**

ISBN

**978-972-789-894-7**

DOI

**<https://doi.org/10.48528/txwt-3d03>**

**Todos os capítulos deste volume foram submetidos a arbitragem duplamente anónima por pares académicos.**



**cllc**  
universidade de aveiro  
centro de línguas, literaturas e culturas

[HTTPS://DOI.ORG/10.54499/UIDB/04188/2020](https://doi.org/10.54499/UIDB/04188/2020)

**FCT**

Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

Esta publicação é financiada por fundos nacionais,  
através da Fundação para a Ciência e Tecnologia,  
I.P., no âmbito do Projeto UIDB/04188/2020

# ÍNDICE

- 7 **Concordância variável no português de três continentes: estudo preliminar sobre a fala em Angola, Moçambique, Brasil e Portugal**  
Júlia Maria Mendes Santos  
Giulia Bossaglia
- 27 **A língua de raiz paulista: uma picada remanescente do século XX**  
Maria Célia Lima-Hernandes  
Victória Golfetti
- 53 **Diversidade linguística e inclusão nas aulas de língua portuguesa em Moçambique**  
Paula Maimuna Bernardo Ângelo Bambo
- 63 **História e memória dos topônimos de ruas do centro histórico de Cuiabá-Mt**  
Ivanete Maria de Jesus  
Carolina Akie Ochiai Seixas Lima
- 83 **Gêneros textuais pelos mares da língua portuguesa na época dos Descobrimentos: o processo de evangelização e de alfabetização dos povos africanos**  
Maria Antonietta Rossi
- 101 **As marcas linguísticas e discursivas do texto em discursos religiosos de língua portuguesa: análise de plano de texto e de representação semântica**  
Maria Eliete de Queiroz  
José Rubens Pereira  
Carlos Eduardo Coutinho de Melo
- 119 **Construção lexical do *ethos discursivo* em intervenções políticas portuguesas e brasileiras**  
Sara Pita
- 139 **As formas de tratamento no português de Portugal segundo a metodologia da etiquetagem SEFTRA**  
Xavier Frias Conde
- 149 **A construção do discurso em ambientes digitais: contributos para o estudo dos rituais verbais de indelicadeza**  
Marta Alexandra Cação Lopes Antão  
Carla Aurélia de Almeida

- 171 **Expressões da língua portuguesa como estratégia de comunicação digital das marcas**  
Dina Maria Silva Baptista
- 193 **Provérbios portugueses sobre linguagem: metáforas conceptuais e estereótipos acerca do bom comunicador**  
Rosa Lídia Coimbra
- 211 **<Quedar-se a + Infinitivo> no Português Europeu**  
Henrique Barroso
- 225 **Sobre a reflexividade em português brasileiro**  
Grace dos Anjos Freire Bandeira
- 249 **Português Língua Estrangeira (PLE) e Búlgaro Língua Materna (BLM), ou dos clíticos em movimento**  
Ana Paula Loureiro  
Vesela Chergova  
Henrique Barroso
- 271 **Desvios de flexão verbal em produções escritas de aprendentes anglófonos de PLE**  
Telma Elisabete de Oliveira Duarte
- 293 **Desenvolvimento da competência intercultural e literatura lusófona em aulas de PLE: relato de uma experiência em turmas de nível B**  
Solange Imaginário Lima
- 311 **Cenários de produção artística: fios condutores para a produção de narrativas orais e escritas**  
Maria Daniela Sousa  
Isabel Roboredo Seara
- 327 **Uma Reflexão Teórico-prática sobre os Géneros Textuais nos *Curricula* Moçambicanos**  
Paula Bambo  
Acácio Augusto Tete
- 345 **A mediação do género textual na competência de leitura no contexto escolar em Moçambique: um estudo preliminar**  
Narciso Montanha Narciso
- 363 **Abordagem dialógica de textos literários no Ensino Básico moçambicano**  
Simião Alberto Muhate
- 379 **Educação em Português e promoção da cidadania global: uma revisão sistemática de estudos publicados**  
Maria João Macário  
Cristina Manuela Sá  
Luciana Mesquita
- 397 **A Escola Nova e a educação de surdos no Brasil na década de 50**  
Vanessa Gomes Teixeira Anachoreta

# Português Língua Estrangeira (PLE) e Búlgaro Língua Materna (BLM), ou dos clíticos em movimento

ANA PAULA LOUREIRO

CELGA-ILTEC | Universidade de Coimbra – olivelou@ci.uc.pt – ORCID: 0000-0002-3791-5867

VESELA CHERGOVA

FKNF | Universidade de Sófia Sv. Kliment Ohridski, Projeto n.º -06-H40/11/12.12.2019, FNI-MON –  
v.chergova@uni-sofia.bg – ORCID: 0000-0002-8490-0676

HENRIQUE BARROSO

CEHUM | Universidade do Minho – hbarroso@elach.uminho.pt – ORCID: 0000-0003-4765-7643

## Introdução

O trabalho que aqui se apresenta, e que, em rigor, se encontra ainda em progresso, enquadra-se no âmbito dos estudos sobre a aquisição por aprendentes de PLE, Português Europeu, dos padrões de colocação dos pronomes pessoais clíticos. Tomando como referência dados e resultados de trabalhos já publicados<sup>1</sup> sobre a aquisição destas estruturas por diferentes perfis linguísticos (LM) de aprendentes (falantes de línguas românicas, germânicas, de finlandês e de chinês) – cf. Madeira, Crispim e Xavier (2006), Madeira e Xavier (2009), Gu (2019, 2022)<sup>2</sup> –, propomo-nos apresentar os primeiros resultados de um estudo aplicado a aprendentes de PLE com uma língua materna eslava, o Búlgaro (tanto quanto é do nosso conhecimento, não há estudos deste tipo). O

<sup>1</sup> Referimo-nos, em particular, a estudos sobre a aquisição dos padrões de colocação dos clíticos em contexto de complemento de verbo simples. Outros aspetos ou enquadramentos destas estruturas em PLE têm sido também explorados: cf., a título de exemplo, estudos sobre o Português língua de herança (Barbosa e Flores, 2011, Flores e Barbosa, 2014), os contextos de subida de clítico (Fiéis, Madeira e Crispim, 2013, Rodrigues, 2018), omissão de clítico (Fiéis e Madeira, 2016).

<sup>2</sup> Grupos de aprendentes testados nesses estudos: aprendentes com LM Espanhol, Catalão, Francês, Italiano, aprendentes com LM Inglês, Alemão, Holandês e aprendentes com LM Finlandês (Madeira, Crispim, e Xavier, 2006), aprendentes com LM Espanhol, Francês, Italiano e aprendentes com LM Inglês, Alemão, Holandês e Dinamarquês (Madeira e Xavier, 2009), aprendentes com LM Chinês (Gu, 2019 e 2022).

principal objetivo é, em primeiro lugar, observar o desempenho deste grupo de estudantes no uso destas estruturas e, em segundo lugar, saber, por um lado, se as conclusões genéricas obtidas nesses outros estudos se aplicam a este perfil de aprendentes e, por outro lado, que características específicas deste novo par de línguas poderão ser relevantes e interferir no desenvolvimento das competências.

De acordo com os estudos referidos, alinhados genericamente também com resultados obtidos em investigações sobre a aquisição de clíticos em contexto de ensino/aprendizagem de outras línguas românicas<sup>3</sup>, os aprendentes de PLE, independentemente da sua LM (de ter ou não clíticos<sup>4</sup> e, no caso de ter, da maior ou menor proximidade das regras de colocação relativamente à língua-alvo<sup>5</sup>), (i) são genericamente bem sucedidos na colocação dos clíticos e (ii) evidenciam um percurso de aquisição das regras comum, e próximo do que é observado em contexto de PLM<sup>6</sup>, com estabilização da ênclise logo nos estádios iniciais e aquisição progressiva e diferenciada dos contextos de próclise (cf. Madeira, Crispim, e Xavier, 2006; Duarte, Matos, e Faria, 1995; Costa e Lobo, 2013 e Costa, Fiéis, e Lobo, 2016). Em concreto, pode assumir-se como expectável que os novos resultados apontem para os seguintes comportamentos: (i) colocação dos clíticos em posição de adjacência imediata ao verbo<sup>7</sup>; (ii) reconhecimento e uso das duas posições principais (ênclise e próclise)<sup>8</sup>; (iii) distribuição global convergente da ênclise e da próclise nos contextos mais genéricos e categóricos; (iv) estabilização inicial global dos contextos de ênclise<sup>9</sup>; (v) aquisição e estabilização, logo nos níveis iniciais, dos contextos de próclise associados à presença de

<sup>3</sup> Cf. Madeira e Xavier (2009, p. 2): «Previous studies on the L2 acquisition of Romance clitics (see, for example, for Spanish, Licerias 1985; Licerias *et al.* 1997; Duffield and White 1999; for French, Selinker, Swain, and Dumas 1975; Belletti and Hamann 2000; White 1996; Duffield *et al.* 2002; and, for Italian, Leonini and Belletti 2004; Santoro 2007) [...]».

<sup>4</sup> As línguas germânicas, como o Inglês e o Alemão, não têm clíticos. A língua chinesa também não dispõe de formas clíticas no seu sistema pronominal, usando formas fortes nos complementos, quase sempre em posição pós-verbal (Gu, 2022).

<sup>5</sup> Apesar de ênclise e próclise serem também padrões do Espanhol, do Italiano e do Catalão, a alternância segue regras diferentes, relacionadas com o modo do verbo (ênclise com verbo em modo não finito e próclise generalizada em frases finitas). Em Francês, a ênclise ocorre apenas em frases imperativas.

<sup>6</sup> Cf. Madeira, Crispim e Xavier (2006, p. 508): «[...] independentemente da sua língua materna, todos os aprendentes seguem um percurso idêntico na aquisição desta propriedade gramatical, semelhante ao observado na aquisição de L1.»

<sup>7</sup> Cf. Madeira e Xavier (2009, p. 11): «All the clitics appeared in clitic positions, i.e. attached to a verbal host, either preverbally or postverbally.»

<sup>8</sup> Cf. Madeira e Xavier (2009, p. 20): «[...] both the Romance and the Germanic learners are aware of the existence of the two placement patterns from the early stages [...]». Cf. Gu (2022, p. 223): «[...] apresenta-se, de forma geral, algum conhecimento sobre as diferentes condições que determinam a alternância entre ênclise e próclise [...]».

<sup>9</sup> Cf. Madeira e Xavier (2009, p. 20): «The spontaneous production data clearly reveals an initial overall preference for enclisis [...]».

advérbio de negação<sup>10</sup>; (vi) aquisição progressiva dos restantes contextos, nesta ordem: advérbios proclisadores; orações subordinadas finitas; quantificadores (sujeito)<sup>11</sup>; (vii) problemas persistentes na aquisição da próclise em contexto de sujeito quantificador.

Por outro lado, os estudos mostram também que determinadas características da LM (a presença de clíticos na L1, por exemplo) podem, apesar de tudo, ter um papel facilitador nos processos de aquisição destas estruturas, nomeadamente no ritmo de aquisição, na rapidez com que se atingem as estruturas-alvo (Madeira, Crispim, e Xavier, 2006)<sup>12</sup>. Vão neste sentido alguns dos resultados obtidos em estudos que comparam grupos de aprendentes falantes de línguas românicas e grupos de aprendentes falantes de línguas germânicas, com os primeiros a apresentarem percentagens de acertos tendencialmente mais elevadas e mais cedo<sup>13</sup>. Algumas características da língua búlgara aparentam ser, neste domínio, favoráveis: (i) a existência de formas clíticas dos pronomes pessoais, à semelhança do Português e das restantes línguas românicas e ao contrário das línguas germânicas e do chinês; (ii) o facto de os clíticos admitirem também as duas posições, próclise e ênclise, tal como as línguas românicas; e de (iii) próclise e ênclise serem igualmente frequentes, à semelhança do Português e ao contrário do que acontece nas restantes línguas românicas, onde o padrão enclítico é residual; e, ainda, (iv) o facto de a ênclise ser obrigatória em contextos de início absoluto de frase ou oração (verbo em início absoluto de frase, verbo em início absoluto de oração principal após subordinada e pausa, verbo em início absoluto após vocativo ou marcador discursivo), tal como em Português e ao contrário das restantes línguas românicas. Por outro lado, no entanto, a distribuição das duas posições obedece, em Búlgaro, a um critério global distinto: *deslocação à direita* (ênclise) apenas em posição inicial absoluta do verbo ou a seguir a uma pausa prosódica e *deslocação à esquerda* (próclise) em presença de qualquer

<sup>10</sup> Cf. Madeira e Xavier (2009, p. 15): «[...] there is a clear tendency towards proclisis in negative sentences from the initial stages.» Cf. Gu (2022, p. 223): «[...] o contexto de negação verifica-se como a condição proclítica em que se denota maior diferença entre a aceitação de ênclise e de próclise, indicando que se trata possivelmente do padrão proclítico mais bem adquirido pelos informantes chineses, entre todos os testados.»

<sup>11</sup> Cf. Madeira e Xavier (2009, p. 17): «Sentences with preverbal quantifiers (v) and finite subordinate clauses (vi) are the contexts where both the learner groups and the control group performed less accurately.» e «[...] the results suggest that knowledge of the different proclisis triggers may be acquired gradually, in a sequence, with proclisis emerging first in negative contexts, as in L1 acquisition.»

<sup>12</sup> Cf., para outras línguas, Belletti & Hamann (2000), Otero-García (2002), Leonini & Belletti (2004) – obras citadas em Madeira, Crispim & Xavier (2006).

<sup>13</sup> Cf. Madeira e Xavier (2009, p. 20): «The spontaneous production data clearly reveals an initial overall preference for enclisis [...], with a slightly higher production of enclitic patterns in the Romance group (80% enclisis to 20% proclisis) than in the Germanic group (71% enclisis to 29% proclisis).»

constituente sintático<sup>14</sup>. Esperam-se, assim, resultados mais convergentes, por exemplo, nas percentagens de acertos nos contextos enclíticos, com persistência de problemas nos contextos em que pode haver conflito pelas regras da próclise.

Tendo em consideração os contextos de ensino/aprendizagem e, de um modo geral, da natureza e frequência da exposição às estruturas aqui em apreço, poderá ainda ser pertinente enquadrar os resultados obtidos em função de variáveis relacionadas com (i) o contexto de não-imersão, (ii) o input espontâneo nos ambientes de aprendizagem formal, e (iii) o ensino (explícito ou não) progressivo e sistemático das estruturas. Nesta primeira fase do estudo serão apenas tidas em conta informações sobre o ensino explícito (o que foi ensinado e quando). Em estudos futuros, pretendemos explorar também o input indireto disponível nos materiais instrucionais (textos ou outros enunciados), concretamente, que estruturas são contempladas e com que frequência, e de que forma se encontram representados nos manuais, por exemplo, os usos reais destas estruturas (Requena e Tissera, 2018).

À semelhança do que foi feito para outros estudos, aplicámos ao grupo de aprendentes, organizados por níveis de proficiência, um conjunto de testes para avaliação do domínio das regras de colocação dos clíticos nos principais contextos de ênclise e próclise com verbo simples: ênclise em início absoluto, com sujeito não marcado, na presença de advérbio não proclisador e em oração coordenada; próclise com negação, advérbio proclisador, oração subordinada finita, interrogativa parcial e exclamativa *Qu-*. Os testes consistiram na realização de exercícios de produção induzida (reescrita) e de juízos de aceitabilidade.

Na sequência do que foi dito, pretendemos, com o presente estudo, obter respostas para as seguintes perguntas de investigação:

- D. Os resultados são globalmente convergentes com os usos na língua-alvo?
- E. Os aprendentes acertam mais nos contextos de ênclise do que nos contextos de próclise?
- F. Apresentam genericamente mais dificuldades nos contextos de próclise e resultados assimétricos em função do tipo de contexto?
- G. Quais os contextos de ênclise e próclise mais fácil e rapidamente adquiridos?
- H. Que relação entre contextos com melhores desempenhos e semelhanças com a LM?

<sup>14</sup> Em Búlgaro observa-se a colocação e a reduplicação de estruturas clíticas dentro do *grupo clítico*, que se há de abordar a seguir no texto, numa perspetiva sintático-pragmática e rítmico-melódica (Penchev, 1980; Avgustinova, 1997; Barkalova, 2018; Krasteva, 2020: 114, 119). O estatuto e o comportamento dos clíticos numa perspetiva da linguística geral, da linguística eslava, da linguística balcânica e da linguística búlgara diacrónica podem ser consultados em Haspelmath (2022), Zimmerling (2008), Krapova e Cinque (2008), Dimitrova (2016, 2021), entre outros. Refiram-se igualmente os poucos trabalhos sobre a aquisição da colocação dos *grupos clíticos* por estudantes de Búlgaro enquanto L2 (cf. Banova, 2019).

- I. Que dificuldades persistem nos níveis mais avançados?
- J. Confirmam-se genericamente os desempenhos e o percurso testado para outros grupos de aprendentes?

## 1. Colocação dos clíticos

### 1.1. Padrões de colocação em Português

À semelhança das outras línguas românicas, o Português admite as duas posições principais para a colocação dos clíticos, a ênclise e a próclise (uma terceira posição, residual, a mesóclise, não será aqui considerada). No entanto, e ao contrário dessas outras línguas, no Português (Português Europeu) a ênclise é o padrão dominante e ambas as posições são de uso muito frequente<sup>15</sup>. O padrão enclítico ocorre em frase simples, em oração principal de frase complexa e em frase coordenada, sobretudo de E e MAS, em todos os tipos de frases, desde que na ausência de determinados elementos em posição pré-verbal (palavra negativa, certos advérbios, sujeitos quantificadores e palavras qu-) e em contexto de verbo em início absoluto. Nestas mesmas estruturas, mas na presença desses elementos, impõe-se a próclise. O padrão proclítico é também de regra nas orações subordinadas finitas, nas frases interrogativas parciais e nas exclamativas e imperativas com palavra qu- e ainda em contexto de oração coordenada disjuntiva correlativa.

A distribuição das duas posições (consideramos aqui apenas o contexto de verbo simples) fica, assim, associada a condições de ordem sintática<sup>16</sup>, que têm sido amplamente descritas na bibliografia (cf., entre muitos outros, Martins, 2013; Duarte 2003; Cunha e Cintra, 1984). Os contextos, bem como exemplos ilustrativos dos respetivos usos, serão apresentados com detalhe na metodologia.

### 1.2. Padrões de colocação em Búlgaro

O Búlgaro é uma língua eslava meridional, de sujeito nulo, sem sistema nominal de casos, com restos de casos no sistema pronominal. Possui vários tipos de *palavras clíticas predicativas* (Tisheva, 2001, p. 65): (i) clíticos pronominais (deícticos pessoais átonos); (ii) partícula interrogativa (*li*); (iii) partícula verbal para a formação de Futuro (*shte*); (iv) clíticos adnominais (de valor possessivo); (v) clíticos adverbiais (de valor argumentativo acusativo e dativo).

<sup>15</sup> Para uma perspetiva histórica sobre a distribuição contextual de ênclise e próclise, ver Marquilhas (2013) e Martins (2015, 2016).

<sup>16</sup> Sobre a abordagem prosódica da colocação dos clíticos em Português, cf. Vigário (2003, pp. 173-222).

A gramática búlgara define os pronomes como classe de palavras vocacionada para indicar ou mostrar o referente sem o nomear explicitamente (Nitsolova, 2008, p. 142), podendo formular perguntas sobre referentes ignorados (Kucarov, 2007, p. 84). Em todas as línguas indo-europeias a classe de deícticos contém formas sintéticas e algumas estruturas analíticas de organização sistemática rigorosa e relativamente fechada (Nitsolova, 2008, pp. 142-143). A classe de deícticos pessoais refere as oposições da categoria Pessoa, própria do pronome pessoal, como também da categoria Número (Singular / Plural) e Género (Masculino / Feminino / Neutro) na 3.<sup>a</sup> pessoa singular (Pashov, 1999, pp. 97-99; Nitsolova, 2008, pp. 146-163), distinguindo as funções sintáticas do referente: sujeito, objeto direto e objeto indireto, tradicionalmente reconhecidos como caso nominativo, acusativo e dativo (Pashov, 1999, p. 101). O sistema pronominal pessoal búlgaro tem maiores semelhanças semântico-formais com as línguas românicas do que com as línguas eslavas (Nitsolova, 2008, p. 147). As formas do pronome pessoal na língua búlgara implicam a semântica de coincidência ou divergência do referente com as pessoas do diálogo no singular e plural (Pashov, 1999, p. 98; Nitsolova 2008, p. 148).

Os pronomes pessoais de acusativo e dativo dispõem de formas tónicas e formas clíticas (átonas), à semelhança de outras línguas balcânicas, como o grego moderno e o albanês, e das línguas românicas (Nitsolova, 2008, pp. 151-152). Maior liberdade de posicionamento sintático e maior efeito de focalização têm os pronomes tónicos, já que os clíticos, sendo não-acentuados, não representam palavras prosódicas, não constituem enunciados e não podem representar nem tópico, nem foco sintáticos (Nitsolova, 2008, p. 151), fazendo parte de uma palavra prosódica, que na maioria dos casos é foco sintático (Nitsolova, 2008, p. 153). No entanto, reconhecem-se os seguintes padrões de colocação pronominal dos clíticos<sup>17</sup>: ênclise em posição inicial absoluta do verbo e próclise nos casos de qualquer elemento verbal que antecede o núcleo do predicado, suscitando curiosidade o caso do proclisador advérbio de negação, que leva à acentuação do pronome, por definição, curto e átono [*Видя го*: Vidyá go (Viu-o) / *He zò vidя*: Ne gó vidyá (Não o viu)] (Pashov, 1999, p. 100). Na língua búlgara não se dão casos de contração pronominal. Estas semelhanças e, ao mesmo tempo, diferenças identitárias entre os sistemas pronominais clíticos de duas línguas tipologicamente distanciadas despertam o interesse pelo processo de aquisição das formas clíticas portuguesas por estudantes búlgaros de PLE.

<sup>17</sup> O movimento dos clíticos segue a regra de Hauge (como citado em Tisheva, 2001, p. 67), que diz que os clíticos se deslocam para a esquerda do verbo se não houver fronteira frásica à esquerda do grupo verbal.

No que se refere às dimensões semânticas da colocação pronominal clítica em búlgaro, poderíamos identificar pelo menos dois contextos, que se descrevem a seguir:

(i) Colocação pronominal clítica sem pertinência semântica que, por conseguinte, é motivada por razões sintáticas e prosódicas: ênclise em posição inicial absoluta do verbo, seja em orações interrogativas, assertivas, imperativas (*Compraste-lhe o jornal? Купи ли му вестника? Кúпи ли му véstmika?*); ênclise em posição não inicial, mas a seguir a uma pausa (Nitsolova, 2008: 151) na sequência prosódica (*Franicamente, viste-lhe a cara? Честно // видя ли му лицето? Tchéstno // vidyá li mu litséto?*; *Quando chegaste, encontraste-a fechada. Когато дойде, // завари го затворен. Kogáto doydé, // zavári go zatvóren*; *Precisava das malas. Entrou na casa, preparou-as e saiu. Куфарите му трябваха. Влезе в къщата, // приготви ги и тръгна.*); próclise em caso de qualquer grupo nominal, pronominal, adjetival e/ou adverbial antes do verbo (*\*A Ana o viu. Ана го видя. Ана го vidyá.*); próclise em orações coordenadas sindéticas (conjunções *е, мас, etc.*) (*Elas voltaram cedo e deixaram-me as chaves. Те се върнаха рано и ми оставиха ключовете. Тэ се vârnaha ráno i mi ostávihá klyúchovete.*).

(ii) Colocação pronominal clítica em Búlgaro com pertinência semântica e/ou sintático-pragmática: em frases complexas de Subordinada + Principal (*Quando disseste aquilo (.) deixaste-o sem palavras! [PT: ênclise] / Когато му го каза, го остави безмълвен. Kogáto mu go káza, go ostávi bezmâlven. [BG: próclise (não marcada)] / Когато му го каза, // остави го безмълвен. Kogáto mu go káza, // ostávi go bezmâlven. [BG: ênclise (marcada)]*); em palavras prosódicas que são foco sintático nas interrogativas gerais (*Мария (N) оттегли (V-Foco) ли се (Cl)? Мария ottégli li se? (Foco no verbo: ênclise) [A Maria retirou-se?] / Мария (N-Foco) ли се (Cl) оттегли(V)? Мария li se ottégli? (Foco no nome: próclise) [Foi a Maria quem se retirou?]*).

### 1.3. Convergência e divergência entre as línguas

Podem, portanto, ser distinguidos os seguintes contextos de colocação dos clíticos nas duas línguas em contraste:

(i) Contextos convergentes de ênclise		
Situação sintática	Português	Búlgaro
Verbo em início absoluto de frase	<i>Contou-lhe tudo.</i>	Разказа <u>му</u> всичко [Razkáza <u>mu</u> vsitchko].
Verbo em início absoluto de frase, após vocativo ou marcador discursivo (pausa)	João, <i>conta-lhe</i> tudo!	Жоао, разкажи <u>му</u> всичко! [João, <i>razkazbí mu</i> vsitchko!]

Verbo em início de oração coordenada assindética	Chegou a casa, <i>preparou-<u>as</u></i> e saiu.	Прибра се <u>вкѝщи</u> , приготви <u>ѝи</u> и излезе. [Pribrá se vkáshti, prigótvi <u>gi</u> i izléze.]
(ii) Contextos convergentes de próclise		
Constituintes de frase em posição pré-verbal que funcionam como proclisadores em ambas as línguas	Toda a gente <i>l<u>he</u> contou</i> .	Всички хора <u>му</u> разказаха. [Vsítchki hóra <u>mu</u> razkázaba.]
Orações subordinadas finitas	Soube que <i>l<u>e</u> contaram</i> tudo!	Научих, че <u>ѝи</u> разказали всичко. [Naútchih, tche <u>ti</u> razkázali vsítchko.]
(iii) Contextos divergentes (ênclise em PT e próclise em BG)		
Constituintes de frase em posição pré-verbal não proclisadores em PT	O João <i>viu-<u>a</u></i> no bar.	Жоао <u>я</u> видя в кафенето. [João <u>ya</u> vidyá v kafeneto.]
Oração coordenada de conjunções E ou MAS	Saiu <i>e/mas contou-<u>l<u>he</u></u></i> tudo.	Излезе <u>и/</u> , но <u>му</u> разказа всичко. [Izleze i / no <u>mu</u> razkázá.]
(iv) Outros contextos (não categóricos)		
Contextos de frase interrogativa global	Ontem <i>telefonaste-<u>l<u>he</u>?</u></i>	Вчера звънна <u>ли му?</u> Vtchéra zvánna <u>li mu?</u> / Вчера ли му звънна? Vtchéra <u>li mu</u> zvánna?
Verbo em início de oração principal, após oração subordinada e pausa	Quando chegaste, <i>encontraste-<u>a</u></i> .	Когато пристигна, <u>я</u> завари / завари <u>я</u> . Kogáto pristigna, <u>ya</u> zavári / zavári <u>ya</u> .

Tabela 1 – Português e Búlgaro: convergência e divergência

## 2. Presente estudo

### 2.1. Ponto de partida (ou motivação)

Um exercício de tradução numa prova de exame do ensino superior (recolha presencial na universidade, portanto) constituiu, por assim dizer, a espolta da presente investigação. Vejamos como e porquê.

O exercício constava de um curto diálogo, um excerto de *Comerciante de felicidade*<sup>18</sup>, da autoria de Nedelcho Dimitrov, e eram 8 os contextos em que se esperava a ocorrência de clíticos. Como se submeteram a essa prova 16 estudantes, a amostra é de 128 frases.

Muito embora diminuto – portanto, pouco representativo para generalizações –, este *corpus* permitiu identificar os seguintes problemas (relacionados com a

<sup>18</sup> Romance publicado em 2018, com o título, no original, de Търговец на щастие, Неделчо Димитров, издателство Потайниче (Editora Potayniche), cujo excerto em questão foi retirado da pág. 43.

temática em epígrafe): (i) falta de concordância entre sujeito e clítico reflexivo (ex.: “Quando és jovem, é muito fácil de se apaixonar...”); (ii) omissão de clíticos (exs.: “Quando estás novo é extremamente fácil apaixonar [ ]...”; “Ele estava a ouvir [ ] com atenção”, por “Ele estava a ouvi-la com atenção”); (iii) seleção de caso (ex.: “Ele escutava-lhe com atenção...”); (iv) adição de clítico, ou seja, uso de construção reflexa por construção simples (ex.: “A Nikol sorriu-se de novo...”); (v) colocação de clíticos (exs.: “O meu avô frequentemente me contava uma história...”; “...o resto dos dez anos nos permanece quase como uma punição...”).

Estes “resultados” aguçaram-nos naturalmente a curiosidade investigativa – e eis-nos, assim, nesta pesquisa. Agora, porém, com o foco orientado só para a aquisição da colocação.

## 2.2. Metodologia

Por se tratar de um *corpus* muito pouco representativo do fenómeno sob escopo, como já se referiu, houve necessidade de preparar um Inquérito, o instrumento de recolha de dados próprio e por excelência, cuja natureza e/ou constituição se descreve na secção 2.2.1.

Sendo este um estudo empírico e pretendendo identificar o grau de aquisição dos usos de estruturas de uma língua estrangeira, o questionário realizado e a sua análise observam os critérios e princípios da linguística comparada, ou seja: as estruturas comparadas pertencem ao mesmo plano de estruturação linguística (Danchev, 2001), ao contraste subjaz a motivação semântica das estruturas em ambas as línguas (Haspelmath, 2010) e o escopo da comparação tem por objetivo o ensino/aprendizagem das línguas estudadas (Gast, 2012). O registo da possível influência da língua materna no sucesso da aquisição das estruturas analisadas aos diferentes níveis de proficiência dos alunos tem correspondências na construção da interlíngua e dos seus postulados teóricos (Selinker, 1972).

Identificam-se, de seguida, os contextos do processo da aprendizagem, os recursos, os procedimentos e os participantes no Inquérito.

### 2.2.1. Recolha de dados: Inquérito e exercícios

O Inquérito<sup>19</sup>, para a recolha de dados, foi projetado com base em duas tipologias de exercícios, a saber: *a.* exercícios de reescrita e *b.* exercícios de aceitabilidade (escolha múltipla).

<sup>19</sup> Aqui e agora só estão a ser convocados os aspetos linguísticos, mas é evidente que os sociolinguísticos (género, conhecimento de outras línguas, residência no estrangeiro – país ou países e respetiva duração –, etc.) e o consentimento informado também fazem naturalmente parte do Inquérito.

Os do primeiro tipo são 26 frases, cuja finalidade é substituir um sintagma (em duas frases apenas, dois) pela(s) forma(s) do pronome pessoal adequada(s), concretamente: *O João viu A MARLA no bar?*; *Elas nunca viram O JOÃO no bar.*; *Compraste O SUMO no bar?*; *Telefonaste ontem AO TEU IRMÃO?*; *Ontem telefonaste AO TEU IRMÃO?*; *Traz um copo de água À D. JÚLLIA, por favor!*; *Traz UM COPO DE ÁGUA À D. JÚLLIA, por favor!*; *Ana, ajudas O PAI a levar os livros?*; *É lógico que compres À TUA IRMÃ um vestido.*; *É lógico comprares o vestido À TUA IRMÃ.*; *Todos trouxeram O DOCUMENTO.*; *Eu não estou cá logo, mas arrumo depois A ROUPA no armário.*; *Chegou a casa, preparou AS MALAS e saiu.*; *Alguém disse AO PEDRO que não havia aula?*; *Só convidei O RUI uma vez para os jantares do nosso grupo.*; *Já contaste AO TEU PAI que não vais estar no jantar de família?*; *Até acho A ANA simpática!*; *Não contes isso À TUA MÃE! Vai ficar preocupada!*; *Peço-te que guardes ESTE SEGREDO só para ti!*; *Onde é que encontraste OS TEUS PRIMOS?*; *Sabendo disto, entregou A CANDIDATURA sem qualquer convicção.*; *Apercebi-me disso quando vi O JOÃO E A ANA juntos na festa do Pedro.*; *Quando disseste aquilo deixaste O PEDRO sem palavras!*; *No momento em que chegaste encontraste A LOJA fechada.*; *Quando chegaste, encontraste A LOJA fechada.* e *Quando leste O TEXTO pela última vez?*

Por sua vez, os do segundo tipo são 27 frases, em que se solicita ao inquirido para selecionar as consideradas “corretas” ou, mais rigorosamente, conformes à gramática do PE da atualidade, discriminadamente: *Francamente, deste-me os parabéns muito tarde!*; *Na verdade, lhe disse várias vezes para ter cuidado!*; *O Pedro não os viu, seguramente!*; *O Pedro os viu, seguramente!*; *O Pedro não viu-os seguramente!*; *Todos o avisaram do que ia acontecer.*; *Toda a gente contou-lhe o que se tinha passado.*; *Gosto do meu dia de anos, porque dão-me muitos presentes.*; *Gosto do meu dia de anos, porque me dão muitos presentes.*; *Procuro alguma pessoa que nos ajude com a tradução.*; *Procuro alguém que ajude-nos com a tradução.*; *Já vos avisei várias vezes.*; *Só aviso-te uma vez. Tu faz o que quiseres.*; *Também pediu-te o livro?*; *Ela também pediu-te o livro de apontamentos?*; *Ela voltou cedo e me deixou as chaves.*; *Ela te pediu o livro de apontamentos também?*; *Quando disseste-me aquilo, fiquei-me nas tintas.*; *Quando me disseste aquilo, fiquei-me nas tintas.*; *Quando disseste-me aquilo, me fiquei nas tintas.*; *Elas voltaram cedo e deixaram-me as chaves.*; *Ontem te vi no bar da faculdade.*; *Ontem vi-te no bar da faculdade.*; *Nunca te vi no bar.*; *Quando disseste aquilo deixaste-o sem palavras.*; *Quando o viste pela última vez?* e *Quando viste-o pela última vez?*

No que respeita à sua aplicação, temos duas situações distintas: na Faculdade de Filologias Clássicas e Modernas (Universidade de Sófia Sveti Kliment Ohridski), ocorreu em janeiro de 2022 e a recolha foi feita on-line – em suporte digital,

portanto; no Liceu Espanhol, em Sófia, realizou-se no mês de março do mesmo ano e a recolha teve lugar presencialmente, e em suporte papel.

Na Faculdade, porque foram 23 os participantes, temos uma amostra constituída por 598 frases da primeira tipologia (exercícios de reescrita) e 621 da segunda (escolha múltipla), o que redundava numa amostra global de 1219 frases. Por seu turno, no Liceu, dado que o número de inquiridos foi de 51, temos, respetivamente, 1326 e 1377 frases. Considerando-as no seu conjunto (1924 frases de reescrita e 1998 de aceitabilidade/escolha múltipla, o que perfaz um total de 3922 frases), podemos afirmar que se está diante de um *corpus* já com uma considerável representatividade da temática-objeto da nossa atenção no presente estudo. Ressalve-se, contudo, que só analisámos o universo ‘estudantes universitários’.

Como resulta claro pelo exposto nos parágrafos precedentes – para além de não ter sido possível (porque dificilmente praticável, nestas condições) considerar todas as variáveis –, com este Inquérito foram testados os seguintes contextos: (i) Verbo em início absoluto de frase (“V”), (ii) Sujeito (não proclisador) + Verbo (“Const(SU)V”); (iii) Advérbio (não proclisador) + Verbo (“Const(ADV)V”); (iv) Vocativo ou Marcador Discursivo + Verbo (“MD/VOC V”); (v) Oração coordenada assindética (“(,)V[Coord]”) ou introduzida por conjunção E ou MAS (“E/MAS V [Coord]”); (vi) Oração principal após subordinada (“(Subord)V[Or. Princ]”); (vii) Verbo em oração subordinada não finita (“V[Subordnãofin]”); (viii) Itens que expressam negação (NÃO, NUNCA) + Verbo (“NEGV”, “NEG(não)V”, “NEG(nunca)V”); (ix) Advérbio focalizador/de ênfase (SÓ, JÁ, TAMBÉM, ATÉ) + Verbo (“ADVproclisV”); (x) Oração subordinada finita (“QU-V[Subord]”); (xi) Interrogativa parcial (“QU-V?”) e (xii) Itens de quantificação (TODOS/ALGUÉM – “QuantfV”). Esta seleção, é notório, contempla os contextos considerados típicos e mais representativos da problemática em análise, o que quer dizer que ficaram automaticamente excluídos todos os demais, tais como – só para referir dois casos – contextos de preposição e com alguns quantificadores (do tipo de POUCOS, MUITOS)<sup>20</sup>.

<sup>20</sup> Sobre os contextos aqui considerados/testados e ainda os não considerados/não testados, cf. Martins (2016: 404-414), onde se apresenta um quadro geral da distribuição da ênclise e da próclise no português europeu contemporâneo, e, ainda, Martins (2013: 2231-2301), para uma descrição da posição dos pronomes pessoais clíticos em orações principais, em orações subordinadas finitas, em orações subordinadas de infinitivo simples, em orações subordinadas de infinitivo flexionado, subida de clítico, em estruturas com gerúndio – orações gerúndivas e complexos verbais com gerúndio, em complexos verbais com participípio passado, em complexos verbais com dois ou mais verbos não finitos, interpolação e em estruturas de coordenação.

## 2.2.2. Perfil dos inquiridos/participantes

Referimo-lo há instantes, 74 foi o número de aprendentes de PLE que participou neste Inquérito, com a seguinte distribuição: 23 estudantes do ensino superior e 51 do ensino secundário do sistema público búlgaro.

Em termos etários, os estudantes universitários situam-se entre os 20 e os 25 anos e os do ensino secundário (11.º e 12.º anos de escolaridade), respetivamente, 17 e 18 anos.

Relativamente ao tempo e nível de aprendizagem, encontramos uma escala, pode-se dizer, de larga heterogeneidade, que passamos a explicitar. Os estudantes do ensino secundário, dada a especificidade, exibem “maior homogeneidade”, a saber: os do 11.º ano (23 alunos), a frequentar o 3.º ano de estudo em sala de aula, situam-se no nível A2.2 e os do 12.º (28 alunos), o 4.º e último ano de estudo também em sala de aula, no nível B1.1; os universitários, em igual número aos do 11.º ano (23), distribuem-se deste modo (do nível de aprendizagem mais baixo para o mais elevado ou, se se quiser, daqueles que têm menos e mais tempo de aprendizagem e/ou exposição à língua portuguesa): A1+ (4 meses) – 3 alunos; A2-B1 (até 2 anos) – 6 alunos; B2-B2+ (até 4 anos) – 10 alunos; e C1 (5 anos ou mais) – 4 alunos.

Considere-se, ainda, este apontamento de cariz pedagógico: o ensino dos pronomes pessoais vai-se efetivando de modo paulatino nas primeiras unidades didáticas dos manuais de PLE correspondentes aos níveis A1 e A2<sup>21</sup>. No que diz respeito ao ensino universitário aqui considerado, a prática focalizada na colocação dos pronomes reflexos e, a seguir, nas variantes fonológicas dos pronomes pessoais átonos, incluídos os casos de contração de clíticos pessoais de objeto direto e indireto, é mais intensiva e concentrada nos primeiros oito meses de ensino; nas etapas ulteriores, a atenção passa para conteúdos morfossintáticos mais complexos. À data da passagem do Inquérito, os estudantes universitários do nível A2 já tinham estudado este tópico e, inclusive, sido muito recentemente avaliados ao mesmo.

## 3. Resultados do estudo

Apresentam-se, de seguida, os resultados obtidos no presente estudo. Como referimos, foram consideradas apenas respostas do grupo de estudantes universitários. Noutra fase da investigação, serão integrados e analisados os resultados do grupo de estudantes do secundário.

<sup>21</sup> Estamos a reportar-nos aos seguintes manuais de PLE: Coimbra e Coimbra (2016), Ferreira e Bayan (2014) e Tavares (2014).

Os resultados globais (3.1.) contemplam quer os exercícios de reescrita quer os exercícios de juízo de aceitabilidade. Os resultados por níveis de proficiência (3.2.) consideram apenas os dados obtidos nos exercícios de reescrita, que exigiam, da parte dos inquiridos, uma atitude ativa na construção das frases (a aplicação de testes aos juízos de aceitabilidade serviu, numa primeira fase, sobretudo para testagem de estruturas potencialmente mais problemáticas).

### 3.1. Acertos e desacertos: dados globais

Em termos gerais, os dados apontam para taxas de sucesso muito elevadas, com uma percentagem global de acertos (para todos os exercícios, estruturas, posições e níveis) de 87,47% (um pouco mais elevada nos exercícios de aceitabilidade, 88,84%), situando-se os valores do intervalo sempre do lado positivo da escala (100% é a taxa mais elevada e 58,7% a taxa mais baixa).

	MD/VOC V	(,V [Coord]	(Subord) , V [Or.Princ ]	V	NEG(in ão)V	Const(SU) V	E/MASV [Coord]	NEG V	QU-V?	NEG(nun ca)V	ADVproc is V	(Subord) V [Or.Princ ]	V [Subord nãofin]	Const(AD V)V	QU-V [Subord]	Quantf V	Média Acertos
Ex1 (Reesc)	100	100	100	98,91	95,65	95,65	95,65	84,78	86,96	73,91	78,26	80,43	78,26	73,91	73,91	58,70	86,10
Ex(Accita)	100				100	95,6	95,65	100	91,3	100	89,13	78,26		78,26	74,78	63,04	88,84
MEDIA	100	100	100	99	98	96	96	92	89	87	84	79	78	76	74	61	87,47

Tabela n.º 2 – Dados sobre os acertos dos estudantes universitários nos dois tipos de tarefas (%)

Considerando ainda os valores globais, são também muito positivas as taxas de acerto por padrão de colocação: 93% de respostas convergentes nos contextos obrigatoriamente enclíticos e 80% de respostas convergentes nos contextos obrigatoriamente proclíticos.

No conjunto dos contextos de ênclise testados no estudo, há um que se destaca: verbo em início absoluto, incluindo aqui também os contextos de coordenada assindética e de “MD/VOC V”, com uma média de 99,7% de respostas certas. Trata-se de um contexto enclítico também na LM dos aprendentes. Já nos contextos enclíticos em Português mas proclíticos em Búlgaro – Const(SU) V, Const(Adv)V e coordenada de E/MASV –, a média de respostas desce cerca de 10 pontos, apesar de se manter em valores muito positivos. Neste segundo grupo de contextos, é ainda possível distinguir um melhor desempenho (96% de acertos) nas estruturas Const(SU)V e coordenada de E/MASV e um desempenho

tendencialmente mais problemático (76% de acertos) em contexto de Advérbio não proclisador (Const(Adv)V).

Relativamente aos contextos de próclise obrigatória (que são sempre casos de semelhança entre as duas línguas), a NEG apresenta-se como a condição menos problemática, com 92% de acertos globais, evidenciando-se, no entanto, uma diferença notória entre a presença do advérbio “não” (NEG(não)V – 98% de acertos) e a presença do advérbio “nunca” (NEG(nunca)V – 87%). As estruturas mais difíceis são a próclise nas orações subordinadas finitas (74%) e, ainda mais, a próclise com sujeito quantificador (61%).

### 3.2. Acertos e desacertos: dados por níveis e evolução

Com exceção do advérbio não proclisador (Const(Adv)V), todos os restantes contextos de ênclise são adquiridos (e definitivamente adquiridos) logo nos níveis iniciais, a começar (A1+) e a terminar (C1) com 100%, mantendo sempre (com exceções pontuais) esse valor nos níveis intermédios (ver Tabela n.º 3). O uso de ênclise com advérbio não proclisador, apesar de registar uma percentagem de acertos no nível inicial de 100%, apresenta uma queda progressiva, até chegar aos 50% no nível mais alto. Este contexto é, assim, o único dos de ênclise analisados em que não se atinge o conhecimento pleno.

Exerc. Reescreva	MD/VOC V	(,) V [Coord]	[Subord] V [Or.Princ]	NEG(não) V	Const(SU) V	E/MAS V [Coord]	QU-V?	NEG V	[Subord] V [Or.Princ]	ADVproclis V	V [Subord nãoFin]	NEG(nunca) V	Const(ADV) V	QU-V [Subord]	Quantif V		
Todos	100	100	100	99	96	96	96	87	85	80	78	78	74	74	74	59	86,10
																	81,75
A1+	100	100	100	100	100	100	100	50	100	83	67	67	100	100	44	33	
A2 B1	100	100	100	100	83	100	83	75	58	83	50	83	33	83	50	33	78,57
B2 B2+	100	100	100	98	100	90	100	100	95	80	90	80	90	70	87	80	90,65
C1	100	100	100	100	100	100	100	100	88	75	100	75	75	50	100	63	89,29
PT	ENC	ENC	ENC	ENC	PROC	ENC	ENC	PROC	PROC	ENC	PROC	ENC	PROC	ENC	PROC	PROC	
BG	ENC	ENC	ENC	ENC	PROC	PROC	PROC	PROC	PROC	ENC	PROC	PROC	PROC	PROC	PROC	PROC	

Tabela n.º 3 – Dados sobre os acertos por níveis de proficiência dos estudantes universitários apenas na tarefa de reescrita (%)

No padrão proclítico, o único contexto que apresenta um percurso similar, é e portanto um caso de sucesso tal como a ênclise, é a estrutura NEG(não)V, que exhibe valores mais ou menos constantes ao longo dos níveis, começando e terminando com 100% de acertos. Dos restantes contextos, atingem também os 100% de acertos no nível mais alto, apesar de registarem percursos distintos, as estruturas com interrogativa parcial (QU-V?), com advérbio proclisador

(ADV<sub>proclis</sub>V) e com subordinada finita (QU-V(Subord)). Os contextos de NEG(nunca)V e de QuantfV, pelo contrário, não atingem essa percentagem.

Considerando as médias dos valores por nível, mas em particular as médias dos desempenhos entre os níveis inicial e final, é possível apresentar o seguinte percurso de aprendizagem das regras dos diferentes contextos de colocação do padrão proclítico (Tabela n.º 4):

	Nível inicial	Nível final	Média (todos os níveis)	Média (A1 e C1)
negação NEG(não)V	100	100	98	100
negação NEG (“não” / “nunca”)	100	88	82	94
negação NEG(nunca)V	100	75	74	87,5
advérbios proclisadores ADV <sub>proclis</sub> V	67	100	84	83,5
interrogativa parcial QU-V	50	100	89	75
orações subordinadas finitas QU-V(Subord)	44	100	74	72
quantificadores (sujeito) QuantfV	33	63	61	48

Tabela n.º 4 – Dados dos estudantes universitários referentes a contextos específicos de próclise (%)

Uma análise mais detalhada dos percursos de desenvolvimento por níveis para cada estrutura permite ainda distinguir seis percursos-tipo para os diferentes contextos aqui testados: (a) Contextos com taxas de acerto muito elevadas e constantes ao longo dos níveis (ex.: verbo em início absoluto<sup>22</sup>, coordenada assindética, oração principal após subordinada, presença de marcador discursivo ou vocativo); (b) Contextos com taxas de acerto com curva em U (quebra em nível intermédio), atingindo os 100% no nível C1 (ex.: negação de “não”, coordenada de E ou MAS, presença de sujeito não marcado); (c) Contextos com taxas de acerto com curva em U (quebra em nível intermédio), não atingindo os 100% no C1 (ex.: negação, negação de “nunca”); (d) Contextos com taxas de acerto em crescendo do A1 ao C1 e com 100% no nível final (ex.: interrogativa parcial, advérbio proclisador, subordinada finita); (e) Contextos com taxas de acerto em queda do A1 ao C1, com 100% no nível inicial (advérbio não proclisador); e (f) Contexto particular de quantificador, que se apresenta persistentemente problemático, com valores negativos nos níveis iniciais e valores positivos, mas baixos, no nível C1.

<sup>22</sup> Ao contrário dos restantes contextos, no caso de verbo em início absoluto (“V”) a evolução por níveis contempla uma quebra ligeira no nível B2/B2+ (98%), que corresponde, no entanto, a um caso que configura uma estratégia de evitamento.

### 3.3. Conclusões

Em resposta às perguntas de investigação que orientaram o trabalho, resumimos nos pontos seguintes as principais conclusões obtidas na amostra estudada:

- Os aprendentes búlgaros são globalmente muito bem-sucedidos nas respostas aos exercícios sobre os principais padrões (ênclise e próclise) de colocação dos clíticos;
- Observa-se um desempenho mais positivo e uniforme nos contextos de ênclise. Este sucesso ocorre logo nos níveis iniciais, mantendo-se estável ao longo do percurso, e verificando-se a preferência generalizada pela ênclise, mesmo em estruturas que na LM exigem a próclise (contexto de sujeito não marcado, advérbios não proclisadores e oração coordenada de E/MAS);
- Destes três contextos de ênclise, que são proclíticos em Búlgaro, apenas o contexto de advérbio (Const(ADV)V) apresenta resultados problemáticos, mas nunca negativos;
- As taxas de acerto obtidas para a ênclise em contexto de sujeito não marcado e de coordenada de E/MAS poderão explicar-se, pelo menos em parte, por efeitos de um input mais sólido (mais frequente e sistemático) – trata-se de construções muito produtivas, tanto na oralidade quanto na escrita;
- Pelo contrário, o relativo insucesso nas respostas à ênclise em presença de advérbio (não proclisador) poderá, do mesmo modo, relacionar-se com alguma pobreza no input (tratar-se-á de uma estrutura menos ativa nos estímulos a que estes aprendentes ficam expostos), mas também com o conflito com o contexto de advérbio proclisador;
- Os contextos de próclise, pelo contrário, apresentam resultados menos robustos (ainda que globalmente positivos) e assimétricos, com casos de problemas persistentes e resultados baixos mesmo nos níveis elevados;
- Do lado dos contextos proclíticos com maior sucesso, destaca-se a próclise em presença do advérbio de negação “não”. Este resultado é consistente com dados de outros estudos. Por outro lado, será importante ter em conta a exposição precoce (frequente) a esta construção frásica e a convergência com LM, como fator facilitador;
- As taxas de sucesso logo no nível inicial deste e de outros contextos estarão relacionadas também com a sua aprendizagem formal, explícita, nos primeiros meses do curso;
- À semelhança do que foi observado em outros estudos, os aprendentes apresentam maiores dificuldades na aquisição da próclise em contextos de subordinada finita, de advérbio proclisador e de sujeito quantificador;

- Em particular, e tendo em conta as taxas de acerto atingidas no nível de proficiência mais elevado, este grupo de aprendentes tem sobretudo dificuldade em colocar ou validar o clítico em próclise na presença de sujeito quantificador;
- Colocamos a hipótese de que este contexto entre em conflito com um outro, com a mesma estrutura sintática frásica (“sujeito-verbo”), de sujeito não marcado, verificando-se a preferência generalizada pela ênclise;
- Registe-se ainda o caso isolado da aquisição da próclise em contexto de presença do advérbio *nunca*, que não segue nem a tendência da negação, nem a tendência dos advérbios proclisadores;
- Dois outros contextos merecerão uma análise mais detalhada, em fases posteriores da investigação: a ênclise em oração principal após subordinada (observamos hesitação na colocação do clítico relacionada com a presença ou não de sinal de pausa, vírgula, entre as duas orações) e a ênclise em oração subordinada não finita; nas duas situações, os aprendentes são confrontados com estruturas que não existem na LM – as subordinadas não finitas e a sequência sem pausa gráfica “oração subordinada-oração principal”;
- O percurso observado na aquisição dos padrões e contextos é globalmente consistente com o que foi observado em estudos com grupos de aprendentes de outras LM.

#### 4. Considerações finais

Os altos níveis de sucesso dos aprendentes na reprodução dos padrões convergentes da colocação dos clíticos em Português e em Búlgaro, embora os dados não sejam rotundamente categóricos, tendem a indicar uma influência positiva da LM nas aprendizagens. O processo de ensino/aprendizagem em sala de aula não costuma explicitar os contextos convergentes isolados no estudo, incidindo nos contextos de PLE e, no entanto, o estudo contrastivo daria pé para a sistematização dos desvios em PT, contribuindo igualmente para a consciencialização e sistematização dos contextos em BG que os portadores nativos usam intuitivamente. Para a formação universitária de professores de PLE, tradutores e intérpretes de PLE, o ensino explícito que incide no contraste das línguas e aguça a consciência metalinguística pode contribuir para acordar o interesse e estimular a motivação dos estudantes e o sucesso na aquisição do PLE.

Os resultados apontam igualmente para áreas críticas e contextos problemáticos (quantificadores, por ex.) que precisam de reforço, inclusive para dar resposta aos processos de «desaprendizagem» que se observam entre os níveis

B2 e C1. Nesta linha de raciocínio, os resultados do estudo poderão ter aplicação na programação dos conteúdos didáticos, nomeadamente, visando o uso dos clíticos em PLE nos diferentes níveis de proficiência dos aprendentes com BLM. Por um lado, dever-se-ia ter em conta que o foco do trabalho pedagógico com os tópicos da colocação dos clíticos fica concentrado nos primeiros oito meses dos estudos (níveis A1 e A2) que logo cede lugar a conteúdos semânticos, morfossintáticos e pragmáticos mais complexos, daí a possível evolução negativa que se patenteia nalguns contextos dos níveis B2 e C1.

Mesmo que a colocação dos clíticos tenha ligação mais forte com estruturas rítmicas e hábitos melódicos da L2 do que com a construção de diferentes conteúdos semânticos, os clíticos reúnem competências de várias dimensões: prosódica, morfológica, sintática, discursiva/textual, que contribuem para uma recapitulação das competências aos diferentes níveis de aprendizagem e para uma integração entre aquisição da língua escrita e da língua falada. A aprendizagem em sala de aula opera preferencialmente com fontes didáticas escritas e lidas, mais do que com fontes faladas e apreendidas pela perceção auditiva. Sendo a audição uma competência com funções decisivas na construção da consciência fonológica dos aprendentes, para os contextos não imersivos de aprendizagem parece ainda mais urgente aplicar estratégias didáticas de perceção auditiva e, a seguir, de expressão oral em PLE.

## Referências bibliográficas

- Avgustinova, T. (1997). *Word order and clitics in Bulgarian*. Saarbrücken Dissertations in Computational Linguistics and Language Technology, Volume 5. Universität des Saarlandes / DFKI.
- Banova, S. (2019). Osóbenosti na slovoréda pri glagólnite klítiki v mezhdínniya búlgárski ezík. *Búlgárska rech*, 2-3 (2019), 57-65 [Singularidades na ordem das palavras referente às formas clíticas adverbiais do búlgaro como interlíngua].
- Barbosa, M.P., & Flores, C.M.M. (2011). Clíticos no português de herança de emigrantes bilingues de segunda geração. In *Textos Seleccionados, XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 81-98). Lisboa: APL.
- Barkalova, P. (2018). Sentence Structure Mapping – Re-equipping Syntax and points of Intersection with other Sciences, *Bulgarian language. Supplement*, 65(3), 45-61.
- Coimbra, I., & Coimbra, O., M. (2016). *Novo português sem fronteiras, 1 parte, Níveis A1/A2*. Lisboa: LIDEL.

- Costa, J., & Lobo, M. (2013). Aquisição da posição dos clíticos em português europeu. In *Textos Seleccionados, XXVIII Encontro nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 271-288). Coimbra: APL.
- Costa, J., Fiéis, A., & Lobo, M. (2016). A aquisição dos pronomes clíticos no português L1. In A.M. Martins, & E. Carrilho (Eds.), *Manual de Linguística Portuguesa* (pp. 365-386). (Manuals of Romance Linguistics 16). Berlim: De Gruyter Mouton.
- Cunha, C., & Cintra, L.F.L. (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 278-318 [sobretudo, “Colocação dos pronomes átonos”].
- Danchev, A. (2001). *Sapostavítelno ezikoznánie. Teóriya i metodologiya*. Sófia: Universitétsko izdatelstvo Sv. Klímént Óhridski [Linguística comparada. Teoria e metodologia].
- Dimitrova, T. (2016). Nablyudéniya vârhu mestoímennite klítiki v históriyata na bálgarskiya ezík. *Izvéstiya na Institutá za bálgarski ezík Prof. Lyubomír Andreychin, BAN*, 29 (2016), 90-106. [Observações sobre os pronomes clíticos na história da língua búlgara. Anuário do Instituto da Língua Búlgara, Academia Búlgara de Ciências].
- Dimitrova, T. (2021). On the Diachrony of the Clitic Clusters in Bulgarian. *Balkanica et Slavia*, 1, 67-96.
- Duarte, I. (2003). Padrões de colocação dos pronomes clíticos. In M.H. Mira Mateus *et al.*, *Gramática da língua portuguesa*, (847-867). Lisboa: Editorial Caminho.
- Duarte, I., Matos, G., & Faria, I. (1995). Specificity of European Portuguese clitics in Romance. In I. Faria, & M.J. Freitas (Eds.), *Studies on the Acquisition of Portuguese* (pp. 129-154). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística / Edições Colibri.
- Ferreira, A.M.B., & Bayan, H.J. (2014). *Na onda do português 1, Níveis A1 e A2*. Lisboa: LIDEL.
- Flores, C., & Barbosa, P. (2014). When reduced input leads to delayed acquisition: A study on the acquisition of clitic placement by Portuguese heritage speakers, *International Journal of Bilingualism*, 18(3), 304-325.
- Fiéis, A., Madeira, A., & Crispim, M.F. (2013). Clitic Climbing in L2 Portuguese. In Jennifer Cabrelli Amaro *et al.* (Eds.), *Proceedings of the 12th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2013)*, (pp. 39-49). Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.
- Fiéis, A., & Madeira, A. (2016). Clíticos e objetos nulos na aquisição de português L2, *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 1(10), 441-462.

- Gast, V. (2012). *Contrastive linguistics: Theories and Methods*. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/265070904\\_Contrastive\\_Linguistics\\_Theories\\_and\\_Methods](https://www.researchgate.net/publication/265070904_Contrastive_Linguistics_Theories_and_Methods).
- Gu, W. (2019). Aquisição de pronomes clíticos de português europeu por falantes de chinês: dados sobre a colocação. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 5, 190-206.
- Gu, W. (2022). Aquisição da posição dos clíticos em português europeu como L2. *Road to the East. Journal of Chinese-Portuguese Studies*, 2, 205-226.
- Haspelmath, M. (2010). Comparative concepts and descriptive categories in crosslinguistic studies, *Language*, 86(3), 663-687.
- Haspelmath, M. (2022). *Types of clitics in the world's languages*. (pre-print). Disponível em: [https://www.academia.edu/83478708/Types\\_of\\_clitics\\_in\\_the\\_worlds\\_languages](https://www.academia.edu/83478708/Types_of_clitics_in_the_worlds_languages).
- Krapova, I., & Cinque, G. (2008). Clitic Doubling in the Balkan Languages. In D. Kallulli, & L. Tasmowski (Eds.), *Linguistik Aktuell/Linguistics Today 130* (pp. 257-287). Amsterdam: John Benjamins.
- Krasteva, H. (2020). A Comparison of the Prosodic Features of the Clitic Cluster in Bulgarian Declarative and Interrogative Sentences. *Bulgarian language*, 67(3), 112-121.
- Kucarov, I. (2007). *Teoretíchna gramatika na bálgarskiya ezík. Morfológiya*. Plovdiv, Universitétsko izdátelstvo Países Hilendárski [Gramática teórica da língua búlgara. Morfologia. Sófia, Editora universitária Países Hilendárski].
- Madeira, A., Crispim, M.L., & Xavier, M.F. (2006). Clíticos pronominais em português L2. *XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, 495-510.
- Madeira, A., & Xavier, M.F. (2009). The acquisition of clitic pronouns in L2 European Portuguese. In A. Pires & J. Rothman (Eds.), *Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition: Case Studies across Portuguese* (pp. 273-299). Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Marquilhas, R. (2013). Fenómenos de mudança da história do português. In E.B.P. Raposo *et al.* (org.), *Gramática do Português*, vol. II (pp. 17-45). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Martins, A.M. (2013). Posição dos pronomes pessoais clíticos. In E.B.P. Raposo *et al.* (org.), *Gramática do Português*, vol. II (pp. 2229-2302). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Martins, A.M. (2015). Variação sintática no português quinhentista: a colocação dos pronomes clíticos. *Estudos de Linguística Galega*, 7, 83-94.
- Martins, A.M. (2016). A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia. In A.M. Martins, & E. Castilho (Eds.), *Manual de Linguística*

- Portuguesa*, (pp. 401-430). (Manuals of Romance Linguistics 16). Berlin: De Gruyter Mouton.
- Nitsolova, R. (2008). *Bâlgarska gramátika. Morfológiya*. Sófia, Universitétsko izdátelstvo Sv. Kliment Ohridski [Gramática búlgara. Morfologia. Sófia, Editora universitária Sv. Kliment Ohridski].
- Pashov, P. (1999). *Bâlgarska gramátika*. Plovdiv, Izdátelska kâshtha Hermes [Gramática búlgara. Plovdiv, Hermes Editora].
- Penchev, Y. (1980). *Osnóvni intonatsiónni kontúri na bâlgarskoto izrechénie*. Sofia: Izdátelstvo na BAN [Padrões entoacionais básicos da frase búlgara].
- Requena, P.E., & Tissera, M.V. (2018). Variation in Second Language Spanish Textbooks: A Study of Variable Clitic Placement. *Hispania*, 101(1), 55-68.
- Rodrigues, A.I.P. (2018). *Colocação de Clíticos em Português como L2 por Aprendentes de LM Espanhola – Casos de Subida de Clítico*, Tese de Mestrado, Mestrado em Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda, FLUC.
- Selinker, L. (1972). Interlanguage. *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching (IRAL)*, 10(3), 209-231.
- Tavares, A. (2014). *Português XXI. Livro do aluno 1. Nível A1*. Lisboa: LIDEL.
- Tisheva, Y. (2001). Svobóden ili fiksíran e slovorédát na klítikite? In V. Radeva (Eds.), *Bâlgarskiyat ezík prez XX vek* (pp. 64-70). Sófia: Akademichno izdátelstvo Marin Drinov [A colocação dos clíticos será de natureza livre ou fixa?].
- Vigário, M. (2003). *The Prosodic Word in European Portuguese*. Berlin – New York: Mouton De Gruyter.
- Zimmerling, A. (2008). *Clitic-Second Languages and Verb-Second languages in a diachronic perspective*. (a conference presentation). Disponível em: [https://www.academia.edu/91595065/Clitic\\_particles\\_and\\_the\\_typology\\_of\\_2P\\_languages](https://www.academia.edu/91595065/Clitic_particles_and_the_typology_of_2P_languages)

